

A INFLUÊNCIA DA GEOGRAFIA NAS "VIAGENS EXTRAORDINÁRIAS" DE JÚLIO VERNE (1828 – 1905): A NATUREZA E A PAISAGEM EM ALEXANDER VON HUMBOLDT (1769 – 1859)

BARRETO, Emerson Luiz Felix¹
GONÇALVES JÚNIOR, Francisco de Assis²

Recebido (Received): 28-04-2020 Aceito (Accepted): 16-07-2020

Como citar este artigo: BARRETO, E. L. F.; GONÇALVES JÚNIOR, F. A. A influência da Geografia nas “Viagens Extraordinárias” de Júlio Verne (1828-1905): a natureza e a paisagem em Alexander Von Humboldt (1769-1859). **Formação (Online)**, v. 28, n. 53, p. 03-28, 2021.

Resumo

Júlio Verne (1828 – 1905) foi um escritor francês que escreveu mais de 100 obras durante seus 77 anos de vida, suas histórias ficaram conhecidas como “viagens extraordinárias” e ganharam fama e prestígio pelo mundo. Verne apresentou ao mundo aventuras carregadas de conteúdo científico e geográfico, percebido nas relações de seus personagens com a natureza e a sociedade. Considerando que no tempo em que Verne viveu a ciência e a geografia francesa alinhavam-se quase que exclusivamente aos anseios imperialistas da França e que este fato limitava o interpretar geográfico a um plano essencialmente descritivo e de localização cartográfica dos recursos naturais das colônias, entendemos que os escritos de cunho geográfico de Verne representam alguns dos primeiros indícios de uma superação. Assim, destacamos em nossa pesquisa que Verne se aproxima muito mais de uma geografia alemã de matriz humboldtiana a partir de uma leitura de paisagem que mesclava arte e ciência do que de uma geografia francesa colonialista. Neste sentido, a partir da hermenêutica filosófica buscamos interpretar os escritos de Júlio Verne, aliando-se também a geosofia para estabelecer uma correlação entre Verne e a epistemologia da geografia.

Palavras-chave: Júlio Verne. Literatura. Geografia Moderna. Paisagem Geográfica.

INFLUENCE OF JULES VERNE’S GEOGRAPHY (1828 - 1905) ON "EXTRAORDINARY JOURNEYS": NATURE AND THE LANDSCAPE IN ALEXANDER VON HUMBOLDT (1769 - 1859)

Abstract

Jules Verne (1828 - 1905) was a French writer who wrote over a hundred works in his 77 years of life, his stories have been known as “extraordinary journeys” and earned fame and prestige around the world. Verne introduced to the world adventures laden with scientific and geographical content perceptible in the relationships of his characters with nature and society. Whereas in the time Verne lived, science and French geography would align themselves almost exclusively with France’s imperialist wishes and that this fact would limit the geographical interpretation to a mainly descriptive plan and of cartographic mapping of natural resources in the colonies, it is our understanding that Verne's geographical writings are some of the first signs of a breakthrough. Thus, we highlight in our research that Verne is much closer to German Humboldtian geography from a landscape reading combining art and science than from a colonialist French geography. To this end, from philosophical hermeneutics we seek to interpret the writings of Jules Verne, allied also with geosophy to establish a link between Verne and the epistemology of geography.

Keywords: Jules Verne. Literature. Modern Geography. Geographic Landscape.

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT - Campus Cuiabá. E-mail: emersonlfb@gmail.com, <http://orcid.org/0000-0002-5840-4548>.

² Docente do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Mato Grosso - UFMT - Campus Cuiabá. E-mail: fgjufmt@gmail.com, <http://orcid.org/0000-0002-5840-4548>.

LA INFLUENCIA DE LA GEOGRAFÍA EN EL "VIAJE EXTRAORDINARIO" DE JULIO VERNE (1828 - 1905): LA NATURALEZA Y EL PAISAJE EN ALEXANDER VON HUMBOLDT (1769 - 1859)

Resumen

Julio Verne (1828-1905) fue un escritor francés que escribió más de 100 obras durante sus 77 años de vida, sus historias se hicieron conocidas como "viajes extraordinarios" y ganaron fama y prestigio en todo el mundo. Verne presentó al mundo aventuras cargadas de contenido científico y geográfico, percibido en las relaciones de sus personajes con la naturaleza y la sociedad. Teniendo en cuenta que en el momento en que Verne vivía, la ciencia y la geografía francesa estaban casi exclusivamente alineadas con los deseos imperialistas de Francia y que este hecho limitaba la interpretación geográfica a un plan esencialmente descriptivo y de ubicación cartográfica de los recursos naturales de las colonias, entendemos que los escritos geográficos de Verne representan algunos de los primeros signos de una superación. Por lo tanto, destacamos en nuestra investigación que Verne está mucho más cerca de la geografía alemana con una matriz Humboldtiana de una lectura de paisajes que combina arte y ciencia, que a una geografía colonial francesa. En este sentido, desde la hermenéutica filosófica buscamos interpretar los escritos de Julio Verne, en alianza con la geosofía para establecer una correlación entre Verne y la epistemología de la geografía.

Palabras clave: Julio Verne, Literatura, Geografía moderna, Paisaje geográfico.

L'INFLUENCE DE LA GÉOGRAPHIE SUR LE "VOYAGE EXTRAORDINAIRE" DE JÚLIO VERNE (1828 - 1905): NATURE ET PAYSAGE À ALEXANDER VON HUMBOLDT (1769 - 1859)

Résumé

Jules Verne (1828 - 1905) fut un écrivain français qui a écrit plus de 100 œuvres au cours de ses 77 ans de vie. Ses histoires sont devenues des « voyages extraordinaires » et ont atteint une renommée et un prestige dans le monde entier. Verne a présenté au monde des aventures chargées de contenus scientifiques et géographiques, perçus dans les relations de ses personnages avec la nature et la société. Considérant qu'à l'époque où Verne vivait la science et la géographie françaises étaient presque exclusivement alignées sur les désirs impérialistes de la France et que cela limitait l'interprétation géographique à un plan essentiellement descriptif et visant à cartographier les ressources naturelles des colonies, nous comprenons que les écrits géographiques de Verne représentent certains des premiers signes de dépassement. Ainsi, dans nos recherches, nous mettons en évidence le fait que Verne est beaucoup plus proche de la géographie allemande avec une matrice humboldtienne d'une lecture de paysage mêlant art et science qu'à une géographie colonialiste française. En ce sens, à partir de l'herméneutique philosophique, nous cherchons à interpréter les écrits de Jules Verne, en s'alliant à la géosophie pour établir une corrélation entre Verne et l'épistémologie de la géographie.

Mots-clés : Jules Verne. Littérature; Géographie moderne. Paysage géographique.

1 Introdução

A relevância da obra de Júlio Verne (1828 – 1905) se consolidou para além de sua importância exclusivamente literária, em seus escritos encontramos uma série de conceitos científicos/geográficos e que se fizeram presentes através da maneira como seus personagens descrevem e se relacionam com a natureza e a sociedade.

Verne escreveu suas obras em meio a um contexto histórico-científico que envolvia tanto os aportes da ciência moderna, como o desenvolvimento do capitalismo e a expansão do império colonial francês, mais precisamente durante o período do Segundo Império Francês

(1852 -1870) e das missões "civilizatórias" que ocorreram nos primeiros anos da Terceira República Francesa, iniciada em 1870 e que se prolongou para além do período de vida de Verne.

O pensamento geográfico francês durante este período apresentava-se voltado quase que exclusivamente ao controle das colônias, ou seja, apesar da existência de extensos relatos organizados pelos viajantes naturalistas franceses sobre as condições naturais das colônias, o foco voltava-se principalmente para a delimitação e localização de recursos naturais de importância econômica. Temos nesse contexto uma geografia muito mais próxima de um inventário descritivo, cartográfico e técnico de base cartesiana/newtoniana do que de uma geografia mais moderna organizada em torno de elementos derivados do romantismo alemão e que consolidava a busca pelo entendimento das correlações complexas que configuravam as paisagens, como verificado nas obras de Alexander von Humboldt (1769 – 1859). Os inventariados organizados pelos naturalistas franceses foram importantes para que Verne conhecesse em detalhe os lugares e os elementos naturais do mundo colonial, no entanto, consideramos que a forma de escrita e de correlação estabelecida pelo autor aproxima-se muito mais do pensamento geográfico e científico alemão.

Assim, consideramos como premissa que Verne possuía conhecimento sobre a geografia alemã, tendo como principal influência a geografia das paisagens de Humboldt. Ao nos debruçarmos sobre a obra de Verne verificamos uma fluidez paisagística muito próxima daquela realizada pelos primeiros geógrafos alemães, principalmente ao compararmos suas obras com os escritos de Humboldt, além de que Verne o cita várias vezes ao longo de suas obras.

Freitas e Fernandes (2013) nesse sentido destacam a importância da obra Verniana para os anseios da Geografia ao apontarem que Verne “vai muito além do que seria esperado em um escritor de ficção, o autor trata de questões muito ligadas à história do pensamento geográfico, ao papel do geógrafo e a natureza da geografia.” (FREITAS e FERNANDES, 2012, p. 90)

Uma obra vasta e rica em aspectos geográficos como a de Verne se mostra como uma importante fonte para o aprofundamento da compreensão sobre a história do pensamento geográfico assim como seus desdobramentos. Neste sentido, buscamos evidenciar a partir de algumas obras selecionadas como se deu a influência da geografia das paisagens de Humboldt sobre as "viagens extraordinárias" de Júlio Verne.

Esta pesquisa se desenvolveu por meio de uma construção pautada na análise da história do pensamento geográfico e da epistemologia da geografia e sua organização seguiu dois

métodos de análise complementares, sendo eles a Hermenêutica Filosófica e a Geosofia. Consideramos que estes dois métodos quando relacionados contribuem para a reflexão e compreensão do contexto histórico e científico que perpassa o período em que o sujeito Júlio Verne produziu seus escritos.

A hermenêutica possibilitou, a partir da análise da linguagem³ presente nos escritos de Verne, uma interpretação em relação ao seu pensamento, ou seja, suas origens e influências. Considerando que este método é proposto por diversos pensadores, nesta pesquisa tivemos como foco o proposto por Hans Georg Gadamer (1900-2002) em sua Hermenêutica Filosófica.

Gadamer (1998, p. 18) afirma que a hermenêutica filosófica trata de um exercício de acolher “a voz que lhe chega do passado, mas, ao refletir sobre ela, recoloca-a no contexto em que ela se originou, a fim de ver o significado e o valor relativos que lhe são próprios”. Desse modo, por meio do exercício da hermenêutica, podemos interpretar as influências que perpassaram Verne durante a concepção de suas obras.

Assim, entendemos que a hermenêutica é um exercício de interpretação e compreensão, que vai para além de responder questões já formadas, ou seja, as questões e respostas podem surgir durante o exercício, o intérprete nesse processo se envolve com o fenômeno que busca compreender.

Esta proposta possibilita e incentiva a imersão do sujeito pesquisador no material a ser interpretado, porém não no intuito de um simples recontar histórico, mas visando um movimento entre passado e presente que gere significado no presente. Portanto, buscamos entender as influências recebidas por Verne, não só para nos atermos à história da Geografia ou à história da relação entre Literatura e Geografia, mas também para refletir sobre caminhos epistemológicos possíveis para a Geografia nos tempos atuais.

As interpretações proporcionadas pelo exercício da hermenêutica filosófica se aliam nesta pesquisa também ao estudo do pensamento geográfico através da Geosofia, concebida por Wright (2014, p. 15) como:

[...] o estudo do conhecimento geográfico a partir de qualquer ponto de vista. Sendo para a geografia, o que a historiografia é para a história, ela lida com a expressão do conhecimento geográfico tanto no passado como no presente - com o que Whittlesey chamou de "sentido [terrestre] espacial do Homem" (WRIGHT, 2014, p.14-15).

³A maioria das citações referentes as obras de Verne e Humboldt presentes nesta pesquisa foram retiradas das versões traduzidas para o português, no entanto elas foram comparadas com as obras originais de Verne e com a tradução francesa (Tableaux de la Nature, 1828) de Humboldt para cofirmação da similaridade da linguagem.

Neste sentido, Wright (2014) ainda destaca que a interpretação pode ser inclusive desvinculada até certo ponto de uma história do conhecimento geográfico contada exclusivamente por geógrafos, sendo assim a Geosofia nos ajuda "a compreender melhor as relações da geografia científica com as condições históricas e culturais das quais ela é produto" (WRIGHT, 2014, p.15), permitindo que interpretemos, como no caso dessa pesquisa, o conhecimento geográfico concebido por um não geógrafo de formação. Assim, a pergunta que norteou a interpretação almejada nesta pesquisa foi: como fora organizada a geografia em/de Julio Verne? A resposta se deu pela análise de seus escritos em associação com o contexto histórico científico e geográfico de sua época.

2 Júlio Verne e seu Contexto Histórico-Científico

A jornada em busca da compreensão da Geografia em/de Júlio Verne se inicia com o entendimento geosófico de seu contexto histórico, e como se deu a ciência e o pensamento geográfico em meio a esse contexto, buscando entender de quem eram as mentes que observavam e refletiam o mundo naquela época, e o que estes entendiam sobre este mundo a partir da ciência.

Deste modo, Júlio Verne tinha acesso às mais diversas produções científicas, e acabou compondo diversas aventuras que mesclavam a ficção e a ciência de seu tempo. Nesse processo, Verne fora influenciado também por grandes pensadores da Geografia, que por sua vez tornava-se uma ciência moderna e consolidada. A partir deste contexto, destacaremos nesta pesquisa um dos nomes que notadamente influenciaram Verne, o do alemão Alexander von Humboldt, explorador naturalista considerado o "pai" da Geografia moderna e membro da Sociedade Geográfica de Paris, Sociedade esta posteriormente frequentada também por Júlio Verne, membro assíduo durante longos anos (DUPUY, 2013).

No entanto, antes de nos debruçarmos diretamente sobre essa influência, buscaremos apresentar um quadro geral sobre as formas de compreensão da natureza no tempo histórico, para assim atingirmos com maior propriedade a discussão sobre a natureza, a ciência e a Geografia no período em que Júlio Verne viveu.

Desde os primórdios do pensamento geográfico e da própria ciência, o ser humano tem buscado entender o meio que o circunda, formulando questionamentos para a compreensão das nuances responsáveis pela dinâmica da natureza. Assim, buscar entender como se deu essa

relação entre o ser humano e a natureza nos diferentes períodos históricos nos conduz a compreender também o desenvolvimento e as mudanças que ocorrem nesta relação.

O conceito de natureza passou por diversos contextos históricos e culturais que direcionaram a construção do conhecimento científico. Carvalho (1990), neste sentido, compreende que:

[...] as explicações e as definições, sejam do que for, inclusive de Natureza, jamais conseguiram se dissociar das ideias e dos objetivos de mundo de quem explica ou define. Isto é para uma mesma pergunta: O que é Natureza? Encontraremos muitas respostas dependendo do grupo humano, do tipo de sociedade, ou da classe social de quem responde (CARVALHO, 1990, p.16).

O pensamento geográfico fora movido pela curiosidade e pela imaginação de seus pensadores que buscavam desbravar a denominada por Wright (2014, p. 05) *Terrae Incognitae*, que é “símbolo de tudo que é geograficamente desconhecido”, fato que provocou e ainda provoca no ser humano ao mesmo tempo medo e curiosidade.

Nos tempos antigos, a terra incógnita literal raramente estava longe dos lares dos homens. Para os nossos ancestrais da idade da pedra, uma cadeia de montanhas azuis no horizonte poderia marcar sua fronteira. Além dela está uma terra – talvez, de espíritos maus – na qual eles devem frequentemente ter desejado penetrar, mas não tiveram coragem. Se, finalmente, a curiosidade vencesse o receio e, com alguns companheiros durões, eles cruzassem a cordilheira proibida, provavelmente encontrariam uma região não tão diferente da sua. Deste modo, a fronteira circundante era empurrada, alterada pouco a pouco e, um pequeno passo era dado em um processo que ainda não alcançou seu fim. Mas apesar dos nossos ancestrais da idade da pedra e seus descendentes até o alvorecer dos tempos modernos terem aumentado o limite da terra incógnita pouco a pouco, o seu “mundo conhecido” era apenas um ponto de luz em meio a uma sombra – sem limite, para tudo que fosse definitivamente compreendido e provado. Viagens para estas sombras se tornaram o tema favorito de poetas e contadores de histórias – é o tema do mito do Argonauta e da “Odisséia”, das lendas de Ali Babá e São Brandão. Desta escuridão, hordas selvagens apareciam de tempos em tempos levando fogo e armas através da Europa – Citas, Hunos, Tártaros; era a sombra misteriosa, de onde vinham rumores de homens estranhos e monstros, do império eclesiástico do Padre João, das tribos apocalípticas de Gogue e Magogue fechadas atrás dos muros de Alexandre até que, no dia do julgamento, eles deverão eclodir para vingar o mundo. A terra incógnita não estava sem contato com o mundo conhecido, e ao longo de grande parte da história, a consciência de sua presença ameaçadora deve ter criado um maravilhamento permanente em todos, exceto os menos imaginativos. (WRIGHT, 2014, p. 06)

Assim, Wright (2014, p. 08) demonstra que a imaginação tem papel importante no desenvolvimento das formas de compreensão da natureza assim como na organização do pensamento geográfico, pois ela “se projeta nas *terrae incognitae* e sugere rotas para seguirmos”, movendo o sujeito sobre o desconhecido, ampliando seus horizontes e consequentemente o espaço e a paisagem por ele conhecidos.

Com base nesta perspectiva de Wright e considerando que o surgimento de novas "rotas e rumos" não eliminam totalmente as antigas, iniciaremos nosso desenvolvimento a partir da Grécia antiga.

De acordo com Claval (2006), na Antiguidade Clássica, os fenômenos naturais eram explicados através dos mitos. Na Grécia, as figuras dos Deuses e suas vontades explicavam os fenômenos naturais; as atividades marítimas, por exemplo, eram entendidas como sendo resultado das ações de Poseidon, o Deus dos Mares. Entretanto, ao se desenvolver os estudos sobre a natureza na antiguidade clássica, os mitos passaram a ter outro papel, entendidos como parte da cultura do ser humano. Assim, a dinâmica da natureza passa a ser compreendida a partir de um desenvolvimento racional e científico. Desta forma, Cavalcanti e Viadana (2010) destacam que:

Nesse momento histórico na Grécia, havia um esforço intelectual voltado para a compreensão do mundo, do universo e da realidade, ou como era conhecido à época, o cosmos. Para os gregos, o cosmos era uma totalidade organizada racionalmente, que só poderia ser descrito pela razão, levando à visualização de uma ordem, uma unidade e uma harmonia, onde coexistem uma multiplicidade caótica das coisas e acontecimentos. (CAVALVANTI e VIADANA, 2010, p. 13).

Evidencia-se, então, uma nova fase de interpretação do mundo natural, na qual a filosofia natural grega buscava compreender o mundo de maneira racional. Na esteira do tempo, destaca-se a partir deste contexto de racionalidade a figura de Aristóteles (384 – 322 a.C.).

Segundo Cavalcanti e Viadana (2010), Aristóteles considerava o cosmos e sua dinâmica como o responsável pelas transformações na natureza terrestre. O cosmos era entendido por ele como “uma esfera finita, onde se prendiam as estrelas e dentro da qual se verificava uma rigorosa subordinação de outras esferas, que pertenciam aos planetas que giravam em torno da Terra” (CAVALCANTI e VIADANA, 2010, p. 27). Toda essa movimentação cósmica resultaria na vida natural terrestre.

Desta forma, Aristóteles compreendia a natureza como algo que possui uma causalidade e finalidade cósmica, ou seja, ela estaria sempre em movimento de acordo com sua própria dinâmica, e no homem estaria a capacidade de compreensão científica dessa dinâmica. Assim, Kesselring (2000) afirma que, para Aristóteles:

[...] a physis é o princípio de movimento e repouso inerente a todas as coisas. Graças a esse princípio, cada ser aspira ao seu lugar natural: objetos pesados tendem para baixo, objetos leves (como o fogo) tendem para cima. Nos seres vivos, o princípio do movimento é a psyche, a alma. Visto que ela é imaterial, os aristotélicos chamaram de alma a “forma corporis”. Enquanto princípio da vida, a alma é, ao mesmo tempo, o princípio das capacidades e qualidades específicas de cada ser vivo. Os movimentos das plantas são o crescer e o murchar: a planta tem uma alma vegetativa. Animais e

homens podem se movimentar, deslocar-se de lugar em lugar; eles têm impulsos e inclinações, sentem necessidades, etc.; isso é tudo possível graças à sua alma apetitiva. Além de tudo isso, o homem possui uma alma racional, isto é, o homem é capaz de pensar e planejar suas ações. Entre outras capacidades, ter a competência de compreender cientificamente a natureza faz parte da razão. A possibilidade da ciência e do conhecimento na natureza pertencem então, à natureza humana (KESSELRING, 2000, p.156).

Desta forma, as relações entre o homem e a natureza presentes no desenvolvimento filosófico e científico grego vinculam-se fortemente ao uso da razão humana, e isto conforme diz Rosa (2012) foi incorporado com certas limitações ao Império Romano, após a conquista da Grécia nas Guerras Púnicas:

O pensamento científico e a capacidade especulativa, fontes da criação da Filosofia Natural na civilização helênica, não foram absorvidos pelos romanos, dadas suas características. Povo prático, sem capacidade de abstração e voltado para suas necessidades imediatas, os romanos não seriam criadores, nem inventivos, mas saberiam adaptar o conhecimento acumulado aos seus interesses, através do desenvolvimento técnico. (ROSA, 2012, p. 199)

Desta forma, Rosa (2012, p. 199) destaca que o Império Romano:

[...] importou, absorveu, copiou, adaptou, reproduziu, utilizou e divulgou a Ciência grega sem adicionar qualquer contribuição relevante. Ao menos no campo da Ciência, Roma é mera tributária, sendo herdeira, pela conquista das armas, de uma cultura superior à qual não agregou sua quota ou seu quinhão.

No entanto, na esteira do tempo, o Império Romano com todas as suas grandes conquistas, de acordo com Rosa (2012), começa a viver uma crise de gestão devido à sua grande dimensão, fato que contribuiu para as invasões bárbaras do fim do século IV, que levaram à queda do Império no Ocidente, proporcionando o surgimento de um novo sistema político-econômico, o feudalismo, que marca no século V o início da Idade Média.

Cavalcanti e Viadana (2010) destacam que, na Europa durante a Idade Média, o desenvolvimento científico e filosófico sofreu com uma certa estagnação, pois a ascensão do sistema feudal acabou isolando os agrupamentos humanos nos feudos, dificultando a discussão e desenvolvimento do conhecimento científico. Neste contexto histórico, também se inseria o crescimento do cristianismo, trazendo consigo as explicações teológicas da natureza.

A Igreja era o ponto comum entre os grupos do sistema feudal, fato que conduziu a uma espécie de "isolacionismo explicativo" no que tange à natureza. Segundo Claval (2006), o cristianismo trouxe ao ocidente nesta época concepções retrógradas sobre a Terra, o que influenciou na relação do homem com a natureza, que passou a ser entendida como reflexo dos desígnios divinos, que por sua vez foram revelados pelos escritos sagrados, e não como algo a ser estudado e compreendido cientificamente.

Claval (2006) afirma que a igreja disseminou a teoria terraplanista, o que também se refletiu na produção cartográfica da época, que ganha aspectos teológicos:

[...] Os mapas-múndi limitam-se a representar o mundo habitado, que se supõe plano. Por vezes tomam a forma de um rectângulo [...] mas mais geralmente de um círculo – um O. São então atravessados por um T deitado cujo pé representa o mediterrâneo e a barra, o limite da Europa, a norte, e da África, a sul. A Ásia ocupa a metade Leste. Jerusalém está no centro da representação, o que sublinha o caráter simbólico dos mapas ditos T em O. (CLAVAL, 2006, p. 32)

Segundo Claval (2006), a retomada do desenvolvimento científico e geográfico só retornou ao pensamento europeu com o declínio do regime feudal e o retorno do desenvolvimento comercial por volta dos séculos XIII e XIV. No que se refere à produção de cunho geográfico, o destaque se dava à retomada da produção cartográfica de precisão, servindo aos anseios comerciais do período.

Claval (2006), neste sentido, destaca a importância, ainda no fim da Idade Média, de outro ponto importante para o retorno do desenvolvimento científico e por sua vez geográfico atrelado ao entendimento da natureza: o desenvolvimento da teologia natural de Tomas de Aquino. A perspectiva de Aquino em sua Suma Teológica apresentava a possibilidade de entendimento da obra divina a partir de seus próprios elementos, ou seja, a busca pelo entendimento das características naturais presentes na obra de Deus, e isto seria feito através da razão humana, que também seria uma dádiva divina. Sobre isso, Ferreira (2013) destaca que na Teologia Natural de Aquino:

Ao tratarmos da realidade divina o acesso do intelecto não ocorre de forma direta, nós não temos acesso direto à realidade divina. Qualquer afirmação do intelecto acerca dessa realidade divina somente poderá concretizar-se através da mediação da realidade criada, sensível. Somente na medida em que a realidade criada remete à investigação e relação com a ordem que estabelece é que poderemos desenvolver um discurso racional (FERREIRA, 2013, p.242).

Desta maneira, entendemos que Aquino apontou uma limitação para inteligibilidade humana acerca dos desígnios divinos. Portanto, como destaca Ferreira (2013): “tudo o que podemos saber de Deus dependerá do conhecimento que temos do mundo ao nosso redor. A teologia natural somente poderá ser realizada tendo em vista a capacidade do entendimento humano para apreender o real” (FERREIRA, 2013, p.243).

Dessa estrutura de pensamento surge uma ponte entre o desenvolvimento científico racional e a teologia. A ciência, neste contexto, passaria a fazer parte das relações do ser humano com Deus em um novo sentido de aproximação com o Divino. Desse modo “falar da Teologia Natural é ativar todo o campo do conhecimento humano e de suas reflexões. [...] Desvendar as

relações existentes no mundo ao nosso redor implica em necessariamente sermos conduzidos a perguntar acerca da causa primeira, Deus” (FERREIRA, 2013, p. 243).

A escolástica como método de ensino destacou-se fortemente nas universidades neste período seguindo estes preceitos elaborados por Aquino. A reforma protestante também se fundamentaria a partir dessas bases.

As preocupações religiosas continuam a ter um grande peso nas representações do mundo, mas tomam uma nova orientação. A partir do século XIV, a fé é vivida de forma mais pessoal e envolve, mais diretamente, a responsabilidade de cada um no caminho para a salvação. A esperança de aceder a vida eterna junta-se a vontade de dar um cunho realmente cristão ao quadro em que se desenrola a existência dos homens: é um dos temas essenciais da Reforma (CLAVAL, 2006, p. 40).

Claval (2006) destaca que o conhecimento geográfico pôde ser ressignificado com a reforma protestante, tornando-se uma ferramenta importante para entender o mundo como obra divina e assim aproximar-se de Deus.

A partir dessa "virada epistemológica", a ciência pós Idade Média se desenvolve, segundo Vicente e Peres Filho (2003), mais voltada à organização e sistematização do conhecimento científico com foco nos inovadores conceitos apresentados pela física e pela matemática, “desdobrando-se para a Filosofia e para própria episteme científica” (VICENTE e PERES FILHO, 2003, p. 326), ou seja:

A utilização da razão, de dados sensíveis e da experiência (em contraposição à fé) são traços que marcam o trabalho dos pensadores desse período, como consequência da transferência da preocupação com as relações Deus-homem para a preocupação com as relações homem-natureza (ANDERY et al 1988 p.104).

De acordo com Vicente e Peres Filho (2003) Galileu Galilei e Francis Bacon foram os precursores dessa nova ciência no século XIV com Galileu estabelecendo matematicamente lei de Queda dos Corpos e Bacon trazendo:

[...] as bases teóricas para o método empírico indutivo, pautado na observação/experimentação, sendo uma característica fundamental deste método a busca de formulações de leis gerais que regem os fenômenos, considerando as mesmas como invariáveis, ou seja, ao apreendê-las sob a ótica da indução e do empirismo lógico formal, estar-se-ia entendendo o próprio fenômeno (VICENTE e PERES FILHO 2003 p. 327).

Ainda neste contexto, Vicente e Peres Filho (2003) apontam que Descartes desenvolveu os conceitos da lógica formal de Bacon, inserindo-os em uma linguagem própria e matemática, trazendo o método racional dedutivo, onde um fenômeno poderia ser fragmentado nos elementos que o compõem, revelando o caminho para a compreensão do fenômeno, sendo esta a abordagem analítica do mesmo.

Seguindo ainda com Vicente e Peres Filho (2003, p. 327) na primeira metade do século XVIII a ciência mecânica do pensamento cartesiano e o empirismo lógico de Bacon encontram em Newton “toda a corroboração físico-matemática necessária” para que o entendimento do universo fosse alcançado. Este, por sua vez, era entendido por Descartes como uma máquina regida por “padrões lineares de ações e reações que se repetem sempre”. Capra (1982) corrobora esse entendimento que “para Descartes, o universo era uma máquina [...] A natureza funcionava de acordo com as leis mecânicas, e tudo no mundo material podia ser explicado em função da organização e do movimento de suas partes” (CAPRA, 1982, p.56).

Partindo deste contexto histórico-científico, Vicente e Peres Filho (2003) ainda consideram que:

A sistematização dos conceitos de pensadores como: Copérnico, Galileu, Bacon, Kepler e Descartes, através da síntese físico-matemática de Newton, sedimenta de vez o paradigma do Universo mecânico nas ciências como um todo, indo das ciências de base como a Física e a Matemática, até as biológicas e humanas. (VICENTE e PERES FILHO p. 327).

O que se segue então é um avanço técnico-científico com base no desenvolvimento racional do conhecimento, tendo como base o conhecimento advindo da matemática e da física. Isto se refletirá também no ser humano e na sociedade, que por sua vez vivenciava o crescimento do capitalismo e do imperialismo europeu, em uma perspectiva crescente de dominação da natureza. Inclui-se aí a dominação racional, portanto científica da natureza:

[...] a ciência proposta pelos pensadores desse período avança numa concepção de compreensão para predição e conseqüente dominação do ambiente. Esse aspecto fica nítido na sempre presente tentativa de formulação de leis amplamente aplicáveis aos mais diversos fenômenos, assim como na ideia de uniformidade e ciclicidade de todo e qualquer processo, sendo o conjunto de relações subjacentes ao próprio funcionamento do elemento em si. O ambiente passa a refletir, de maneira mais pronunciada, as formas baseadas na exploração e na expropriação da natureza (VICENTE e PERES FILHO. 2003, p. 327).

A partir deste contexto, se consolidam as bases para a ciência moderna cartesiana/newtoniana e que esteve em evidência na França do período de Júlio Verne, direcionando a produção científica aos anseios do Estado. A ciência francesa em termos gerais e modernos seguiu avançando e recebendo subsídios dos Estados. Neste contexto, a geografia acabou se organizando em torno da produção cartográfica para desenvolvimento e expansão de seu ímpeto imperialista.

Ainda neste contexto, não podemos deixar de apresentar também o vínculo da Geografia com a História durante o período em que Verne viveu. Berdoulay (2017, p.20), em "A escola francesa de geografia: uma abordagem contextual", afirma que nesse período na França a

Geografia estaria "a serviço da História". Para Berdoulay (2017), a Geografia desse período “baseava-se na reconstituição das antigas configurações geográficas (em geral, as fronteiras políticas e as costas marítimas) e na determinação das localizações exatas dos nomes dos lugares, recorrendo à análise erudita dos textos dos arquivos” (BERDOULAY, 2017, p.20).

Esta constatação reforça o caráter eminentemente descritivo e cartográfico da Geografia francesa da época, vinculada a uma metodologia advinda da interpretação de textos produzidos por historiadores.

A importância da História é tão marcante para a história da geografia francesa que Paul Vidal de La Blache, considerado o "pai" da Geografia Moderna francesa, era historiador de formação, tendo se debruçado principalmente sobre os estudos de Carl Ritter, não de Humboldt. La Blache foi aluno de Carl Ritter (1779 -1859) em Berlim (Berdoulay, 2017). Berdoulay (2017, p.21) afirma que esse "desejo de seguir os princípios de Ritter, e o próprio fato de que Humboldt era menos citado, devem ser relacionados com o controle da história sobre as ciências sociais da época".

Carl Ritter, geógrafo alemão contemporâneo de Humboldt e também considerado um dos "pais" da Geografia Moderna, possuía sua formação em História, fato que o conduziu a dedicar-se metodologicamente à comparação de paisagens culturais a partir de relatos advindos de naturalistas e viajantes da época (Moraes, 2003), método que será ressignificado e ampliado por La Blache. Torna-se importante destacar que La Blache foi contemporâneo de Verne, tendo suas obras publicadas após 1870.

Desta forma, Claval (2014) entende que a “geografia desempenha um papel importante na sociedade francesa. Associada à história, ela é ensinada nas escolas secundárias. Muitos trabalhos são dedicados à geografia histórica. A opinião pública se apaixona pelas explorações” (CLAVAL, 2014, p. 08)

Portanto, os pensadores da geografia na França dessa época, como destaca Berdoulay (2017), tinham, em geral, uma formação histórico-geográfica, ambas as disciplinas sendo ensinadas na escola pelo mesmo professor.

No que se refere às grandes expedições e aos relatos de viagem em sua relação com os anseios dos Estados imperialistas do período, temos de destacar também o papel das Reais Sociedades de Geografia. Essas sociedades surgiram no século XIX e financiaram diversas expedições de naturalistas. Segundo Moreira (2017), elas:

[...] são instituições que surgem nas primeiras décadas do século XIX, evoluindo entre 1820 e 1920 em duas distintas fases: a que vai de 1820 a 1870, marcada pelas atividades de viajantes e naturalistas em busca de levantar e cartografar informações

das regiões do mundo até pouco tempo desconhecidas ou mal conhecidas pelos europeus e a que vai de 1870 a 1920, definida pelo intuito de incorporar os conhecimentos acumulados e articula-los num formato de tratamento metódico e analítico de cunho dominante de conquista (MOREIRA, 2017, s/n).

Com base nessa afirmação, em 1870 as sociedades geográficas já acumulavam um rico acervo de conhecimentos, fato que deu base para o início da segunda fase proposta por Moreira, na qual o desenvolvimento científico passa a focar a expansão ou fortalecimento colonial das grandes nações Imperialistas.

A França de Júlio Verne se insere neste contexto histórico. Sua produção científica e geográfica apresentava-se voltada quase que exclusivamente à demanda estatal de dominação e exploração de suas colônias. No entanto, a mesma também foi utilizada no intuito de delimitar e descrever os locais de ocorrência dos fatos históricos.

Entendemos que Júlio Verne, membro da Sociedade de Geografia de Paris, fez uso dos relatos de expedição para construção dos cenários de suas obras. No entanto, consideramos que o mesmo seguiu um outro caminho interpretativo no que se refere à dinâmica da natureza, para além de uma leitura puramente mecânica da realidade, o que em nosso entender se deu através dos escritos de Humboldt derivados do romantismo alemão.

3 Alexander Von Humboldt: A Paisagem Geográfica entre a Ciência Moderna e a Arte

Para compreendermos a Geografia concebida por Humboldt, faz-se necessário, primeiramente, a compreensão de alguns elementos da filosofia de Immanuel Kant (1724 – 1804), uma vez que o mesmo organizou alguns dos conceitos chave para a sistematização do pensamento geográfico de Humboldt. O principal conceito a se destacar foi o princípio teleológico da natureza, que nos dizeres de Vitte e Silveira (2010) constitui o “princípio geral de que a natureza atua segundo fins, ou seja, sua causalidade não é simplesmente mecânica, mas conjuga uma orientação geral objetiva com as propriedades individuais dos elementos que a constituem” (VITTE e SILVEIRA, 2010 p. 11).

Esta sistematização permitiu o repensar “do espaço, do tempo, do lugar e da natureza no mundo moderno. Assim a Geografia moderna nasce da relação entre a teleologia da natureza e a estética moderna, como a formulada por Kant” (VITTE, 2006, p. 33).

Vitte e Silveira (2010 p. 08), ao discutir as ideias da obra de Kant intitulada “Crítica da Faculdade do Juízo” de 1790, abordam a ideia da estética da natureza partindo da concepção de como o indivíduo a percebe, trazendo o juízo reflexivo como aquilo que corresponde a uma

estética universal, fato que “é fundamental na estruturação de uma forma inaugural de lidar com a natureza e com suas representações” (VITTE e SILVEIRA, 2010, p. 08).

Desta forma, Vitte e Silveira (2010) entendem que se percebe na natureza uma causalidade intrínseca e que organiza o todo. Porém, seria impossível conceber esta causalidade em sua verdadeira essência pois ela é manifestada no meio natural, e o ser humano é incapaz de entender a natureza em sua plenitude, ou a coisa em si, então:

[...] podemos chamar à luz a faculdade de juízo reflexiva, capaz de inferir um princípio que satisfatoriamente explique o conjunto de representações empíricas em sua dinâmica. Este juízo reflexivo permite que, a partir dos dados objetivos do mundo dos fenômenos, infiramos uma determinada lei (VITTE e SILVEIRA, 2010 p.09).

Humboldt, neste contexto, desenvolveu seu pensamento tendo a influência de Kant. De acordo com Vitte e Silveira (2010), em Humboldt existiu “a realização de uma leitura geográfica da realidade, um incorporar de influências e reflexões que encontram na paisagem um caminho analítico. Parte ele daquilo que é primordial em Kant, a visão de uma natureza atuando segundo fins”. (VITTE e SILVEIRA 2010, p. 11)

Ainda nas considerações de Vitte e Silveira (2010, p. 09), entende-se que Kant buscou colocar a estética em outro patamar inserindo a intuição humana no conhecimento, fato importante para o desenvolvimento do olhar de Humboldt para com a natureza, possibilitando o desenvolvimento do conceito de paisagem geográfica como sua categoria de análise, abordando “esta perspectiva intuitiva de contemplação das formas”.

Considerando esta base filosófica, destacamos também o papel do movimento romântico alemão para a construção do pensamento humboldtiano. Neste bojo, destacamos Goethe como um dos precursores deste movimento.

No que se refere às formas, Johann Wolfgang von Goethe (1749–1832), também sob a influência de Kant, trouxe ideias importantes para a formação da Geografia em Humboldt.

Goethe buscou representar as formas da natureza que observava rompendo com a linguagem científica, ao entender que esta apenas representava uma homogeneidade inexistente, pois Goethe entendia a natureza como dinâmica e viva. Desta forma, a linguagem artística deveria fazer parte da discussão científica. Goethe, segundo Vitte e Silveira (2010), entendia que a arte permitiria “ultrapassar o limite e a restrição da simples ligação causal. Ultrapassando estes limites, se verá na forma a unificação de uma realidade complexa e fluida: a forma representa a síntese” “(VITTE e SILVEIRA, 2010, p. 10).

De acordo com Vitte e Silveira (2010), as ideias de Goethe proporcionam o uso da arte para ampliar e aprimorar o entendimento da natureza enquanto organismo e que resultam nas suas formas específicas, e para a Geografia isto se reflete:

[...] na admissão de uma transcendência da forma em direção ao “protótipo”, ao arquétipo ideal que se esconde ao olhar fragmentador da análise científica racionalista. Olhar para as diferentes formas é, para Goethe, buscar a estrutura originária de todas as formas naturais. (VITTE e SILVEIRA, 2010, p.10)

A influência de Goethe em Humboldt permite a convergência do conhecimento científico com a arte ao se buscar refletir e explicar as formas da natureza, desse modo:

[...] A ciência seria responsável pelo dimensionamento concreto das propriedades, suas estruturas, localizações e dimensões, já a artística manifestação seria responsável pela síntese integradora, o reagrupar do desconexo elo causal de uma leitura mecânica da realidade, enfim, seria tanto o efetivo caminho para a penetração dos modelos ideais escamoteados como a possibilidade real de inteligência do movimento geral da natureza atuando segundo fins (VITTE e SILVEIRA, 2010, p. 10).

Desta maneira, as diferentes formas que o mundo apresenta são observadas e comparadas, para que haja a compreensão das diferentes relações dos elementos que a paisagem apresenta à sensibilidade humana.

O romantismo trouxe em um primeiro momento uma ruptura para com o pensamento científico racional dominante na Europa. Para os românticos, o ser humano não era composto apenas pela racionalidade, mas também por sentimentos e emoções, o que garantiu ao movimento romântico “um modo de pensar, sentir, enamorar-se, combater, viajar; um modo de viver e um modo de morrer” (PAZ, 1984, apud. SPRINGER, 2009, p.9).

Neste contexto, como apresentado por Springer e Vitte (2009), a relação do ser humano com a natureza passava a ser entendida por uma perspectiva de libertação, de reencontro do ser humano com a mesma. Humboldt, neste sentido, afirma:

O simples contato do homem com a natureza, a influência do grande ambiente, e como dizem outras línguas, valendo-se de uma expressão mais bela *aire libre*, produzem um efeito calmante, mitigando a dor e aquietando as mais profundas e agitadas paixões da alma. (HUMBOLDT, 2005, p. 20)

Springer e Vitte (2009) apontam ainda que:

A visão romântica sobre a Natureza era uma visão holística por excelência, sendo a Natureza um organismo capaz de desenvolver criativamente suas potencialidades inerentes, ao longo do tempo. Desta forma, no Romantismo, a Natureza era vista como uma grande rede viva de relações, um grande 'eu'. Para os Românticos, o homem tinha de reencontrar o contato com a 'alma do mundo', assim como faziam os antigos povos ditos 'primitivos' (SPRINGER e VITTE, 2009, s/n).

Segundo Vitte (2010, p.14), para o pensador romântico a libertação só viria do reencontro do ser humano com a natureza, ou seja, “para reerguer-se moralmente, o homem deveria procurar o contato emotivo com tudo o que era natural”. O movimento romântico possibilitara, portanto, um novo ponto de vista sobre a natureza rumo à compreensão de sua totalidade a partir da estética. No entanto, temos de destacar que as técnicas advindas do positivismo permearam o entendimento das partes dessa mesma natureza, ou seja, não estamos falando de uma substituição paradigmática e sim de uma complementação. Isto ficará muito claro na geografia das paisagens de Humboldt.

O movimento romântico alemão foi então de suma importância para a sistematização da geografia, pois o mesmo, relacionado com as técnicas positivistas de análise das particularidades das paisagens, consolidou os fundamentos filosóficos teóricos e metodológicos propostos por Humboldt em meados do século XIX. Vitte (2010) considera que:

O projeto de Humboldt foi o resultado da união do empirismo de Bacon com a filosofia da natureza de Goethe e Schelling, na tentativa de descobrir a harmonia e a beleza do organismo cujas partes estariam equilibradas e mutuamente interdependentes (VITTE, 2010, p.10).

Desta maneira, o romantismo aqui abordado vai além do movimento literário conhecido, ou seja, consolida uma filosofia da natureza, e é esta que influencia Humboldt. Ricotta (2003) demonstra a confluência de ideias que Humboldt promove ao dizer que:

[...] ele constitui um modo predominantemente orientado em direção às manifestações mutantes da natureza, passando por um conhecimento racional que tem relação essencial com o espírito, porque é da troca especular entre a “esfera intelectual da humanidade” e a “sublime grandeza” da natureza que a alma se eleva (RICOTTA, 2003, p. 20).

Assim, entendemos que as influências recebidas por Verne advêm, portanto, em boa parte das bases que sistematizaram a Geografia científica na Alemanha na primeira metade do século XIX, e não exclusivamente do pensamento geográfico de cunho cartográfico francês (não que esse se exclua totalmente).

4 As Viagens Extraordinárias de Júlio Verne e o Pensamento Geográfico: As Influências de Alexander Von Humboldt

Buscaremos aqui em trechos das obras os elementos que demonstram a presença da Geografia de Humboldt em Verne. Portanto entendemos que a imaginação e a contemplação da natureza juntamente com as mais novas técnicas advindas da ciência moderna foram também importantes elementos para o desenvolvimento do pensamento geográfico de Verne.

Torna-se importante destacar que Humboldt também prezou por uma linguagem poética ao construir suas obras, o que reforça a ideia de uma ponte entre ciência e arte ao analisar a natureza, segundo Ricotta (2003):

Humboldt atribui à linguagem o fecundo papel de compensadora e unificadora através do qual poderão ser tematizados as relações entre ciência e imaginação, abstração e concreção, intuição e conceito, discurso científico e linguagem poética, levando a descrição a constituir-se num ponto de interseção entre a impressão sensível e o pensamento, o conhecimento e reconhecimento, sensação e percepção (RICOTTA, 2003, p. 21).

A linguagem usada por Humboldt permitiu que o mesmo representasse as paisagens em toda sua complexidade. Assim, de acordo com Ricotta (2003), Humboldt organiza uma “ciência poética” que é:

[...] entendida em conformidade com o princípio originário e criador da natureza e com sua pronunciada autenticidade para revelar, pela aparência, um mundo interno, oculto, profundo de “alimento” ao espírito. Consequentemente, o tipo de linguagem que alia esse duplo aspecto de conformidade e autenticidade do reino natural, perspectiva do “trânsito” especular entre o mundo dos fenômenos. (RICOTTA, 2003, p. 21).

Neste mesmo movimento de organização de seu pensamento geográfico, Humboldt buscou também, como já destacado a quantificação, a fim de entender as particularidades que permitem as conexões entre os elementos que compõem o todo das paisagens, ou seja, em seu pensamento:

As técnicas e os instrumentos científicos são, também, uma extensão de seu olhar e de sua mão. Humboldt deseja aliar a mensuração e a quantificação com o gozo proporcionado pela intuição intelectual no contato com a paisagem. O Cosmos, portanto, se apresenta como uma totalidade a ser decifrada por meio de observações e comparações, mas também através de uma percepção estética dos fenômenos naturais (BRITO, 2015, s/p).

Humboldt, assim, ultrapassou a racionalidade matemática/mecânica advinda da ciência moderna, no entanto sem negá-la no desenvolvimento de seu pensamento, pois o mesmo vai fazer uso também de uma perspectiva estética, aproximando sua observação a uma observação artística das paisagens. Para tanto, Humboldt recorre à intuição, uma intuição semelhante à do poeta ou do pintor em contato com a paisagem.

Esta perspectiva de Humboldt, derivada do romantismo, acabou por inserir o próprio indivíduo a magnitude da paisagem, e este mesmo por sua vez pode assim analisá-la, ou seja, decompô-la, sem perder a consciência do imbricado jogo de relações entre as partes e o todo. "Aqui a Natureza em sua totalidade, é tudo o que é perceptível como plenitude da vida" (RICOTA, 2003, p.20).

A partir dessa influência advinda de uma paisagem muito mais orgânica e que aproximava o ser humano da natureza e ao mesmo tempo passível de ser mensurada pela racionalidade é que compreendemos as origens do pensamento de Verne em torno da natureza. Fato que pode ser constatado em seus personagens, pois recorrentemente verificamos ao mesmo tempo um deslumbre intuitivo/artístico em relação às paisagens, à totalidade, e uma rigidez matemática na busca pelas conexões entre os elementos, as particularidades.

Partindo então do princípio, a primeira obra de Verne, “Cinco Semanas em um Balão”, publicada em 1863, trouxe a aventura do cientista Dr. Fergunsson, membro da Real Sociedade Geográfica de Londres, em sua travessia sobre o continente Africano a bordo de um balão a gás, expedição esta financiada pela própria Real Sociedade Inglesa. No trecho abaixo evidencia-se o contexto histórico e científico do período em que Verne viveu:

A Inglaterra tem sempre caminhado à frente das nações (porque haveis de ter notado que as nações andam universalmente umas atrás das outras) na via das descobertas geográficas, pela intrepidez dos seus viajantes (numerosos aplausos). O Dr. Samuel Fergunsson, um dos seus gloriosos filhos, não há de a sua origem (de todos os lados – não! não!). Se esta tentativa for a cabo (há-de ir! há-de ir!) ficam ligadas e completas as noções até hoje dispersas da cartologia africana (Aprovações veementes), e se falhar (nunca! nunca!) ficará ao menos a memória da concepção mais audaz do gênero humano (VERNE, 2003, p. 05)

Nela, tornam-se visíveis também os anseios naturalistas do personagem Fergunsson, como podemos verificar no trecho em que Verne descreve o inglês e sua atração pela natureza do lago de Genebra na obra “Cinco Semanas em um Balão”.

Diz-se que um dia chegara a Genebra um inglês com o intento de visitar o lago; mandaram-no subir para uma dessas velhas carruagens com assentos laterais como os ônibus. Sucedeu casualmente que o bom do inglês ficou assentado com as costas para o lago. A carruagem fez pavorosamente a sua viagem circular, e o nosso homem, sem se lembrar uma só vez de virar o rosto, voltou para Londres encantadíssimo com o lago de Genebra (VERNE, 2003, p. 10).

Na obra “A Jangada” de 1880, (que nos transporta com “João Garral” em uma viagem de Iquitos para Belém do Pará em uma gigantesca aldeia flutuante que segue o curso do rio Amazonas), verificamos conceitos de uma geografia da paisagem muito próxima daquela preconizada por Humboldt, uma vez que Verne faz uso de uma leitura poética enfatizando aspectos de conexão e totalidade da paisagem ao retratar os pássaros da Amazônia:

[...] ali estavam representados os mais belos tipos de mitologia tropical. Os papagaios verdes, os periquitos gritadores pareciam ser os frutos naturais daqueles gigantes troncos. Os pica-flores e todas as suas variedades, barbas-azuis, rubis-topázios, de longas caldas apareciam em bandos como se fossem flores soltas que o vento levasse de um ramo para outro. Melros de penas de cor de laranja debruadas de riscas escuras, papa-figos dourados, sabiás pretos como corvos reuniam-se em um concerto de

assobios, verdadeiramente ensurdecedor. O longo bico do tucano desmanchava os cachos de ouro das guiriris. Os picanços sacudiam as pequenas cabeças sarapintadas de postos escarlates. Era um verdadeiro encanto para os olhos (VERNE, 1966, p. 50)

Entendemos que a fluidez das paisagens em Verne se assenta justamente sobre uma perspectiva de liberdade de pensamento intuitiva, fato que conduziu os geógrafos alemães do século XIX à criação de um método artístico/científico de compreensão da natureza, ou seja, um método para além do cartesianismo/newtonianismo difundido pelos pressupostos da ciência moderna.

Neste sentido, percebemos novamente a linguagem poética no revelar da paisagem quando a jangada passa pela foz do Nanay, onde ela “se escondeu por trás de um cotovelo da margem esquerda, com o seu tapete de arruivadas gramíneas, assadas pelo sol, que faziam um primeiro plano quentíssimo às verdejantes florestas do horizonte” (VERNE, 1966, p. 71). Esta descrição detalhista visa uma total imersão do leitor na paisagem, possibilitando a formação de um quadro físico da natureza em sua imaginação. Forma de descrição muito semelhante entre Verne e Humboldt na apresentação de suas paisagens.

Assim, verificamos esta semelhança em nível de organização de um quadro paisagístico da natureza no imaginário do leitor ao destacarmos o trecho seguinte de Humboldt sobre as extensas planícies do interior da África, presente em sua obra *Quadros da Natureza* de 1808:

Fazem parte de um mar de areia que, para o lado do oriente, separa, umas de outras várias regiões férteis, ou as converte em ilhas, envolvendo-as por todos os lados. É assim que, no meio dos desertos que rodeiam os montes basálticos de Harudjé, se encontra o Oasis de Siwah, fértil em palmeiras, e no qual as ruínas do templo de Júpiter indicam o lugar venerável de uma civilização passada. Jamais uma gota de orvalho ou de chuva humedece essas planícies devastadas, nem desenvolve no seio abrasado da terra o germe da vida vegetal. Por todos os lados sobem colunas de ar esbraseado, dissipando os vapores e afugentando as nuvens, que deixam, apressadas, aqueles sítios (HUMBOLDT, 1965, p. 07).

Em outro momento destas apresentações poéticas da paisagem geográfica, Verne destaca a importância de Humboldt:

De repente apareceu-lhes uma grande clareira. Erguia-se ali, isolada naquele ar livre que lhe é tão necessário como a luz do sol, a árvore dos trópicos por excelência, a árvore que, no dizer de Humboldt, “acompanhou o homem na infância da sua civilização”, e que ministra o alimento principal ao habitante das zonas tórridas, a bananeira. A comprida grinalda do cipó, enrolada nos seus ramos mais elevados, passava deste modo de uma das extremidades da clareira à outra e entrava-se novamente na floresta (VERNE, 1966, p. 54).

Percebemos que Humboldt pode ter influenciado Verne também no uso de narrativas em torno da mensuração científica da realidade geográfica, pois o geógrafo alemão, como já

destacado, nunca deixou de lado os conceitos e instrumentais da ciência moderna em suas análises e reflexões sobre a natureza, pois ao mesmo tempo que contemplava a natureza ele se utilizava destes conceitos da ciência moderna para instrumentalizar suas análises. Como exemplo dessa relação, apresentamos os seguintes trechos das obras "Quadros da Natureza", de Humboldt, e "Cinco Semanas em um Balão", de Verne. Primeiramente, Humboldt:

Leopoldo de Buch, Gay-Lussac e eu, medimos três vezes o Vesúvio em 1805, e achamos que a borda setentrional, a Roca del Palo, colocada em frente a Soma, chegava exatamente à cifra que lhe marca Saussure, mas que a borda meridional estava 146 metros mais baixa que em 1773 (HUMBOLDT, 1965, p. 170).

Humboldt, neste trecho, trouxe os dados de seus estudos sobre o vulcão Vesúvio, mensurando suas dimensões para assim apresentar a paisagem que descreve. O mesmo faz Júlio Verne:

A linha aérea que o Dr. Fergunsson tencionava a seguir não foi escolhida ao acaso; o ponto de partida foi seriamente estudado, e boas razões tinha quando resolveu elevar-se da ilha de Zanzibar. Esta ilha, situada perto da costa oriental da África, acha-se a 6 graus de latitude austral, isto é, a 430 milhas (172 léguas) abaixo do Equador (VERNE, 2003, p. 24).

Verne também apresentava diversas ferramentas modernas de navegação para seus personagens como o “Dr. Fergunsson”, que fez uso de material cartográfico produzido por exploradores que antes dele percorreram parte de seu caminho:

O doutor fez observações lunares e consultou o excelente mapa que lhe servia de guia, o qual pertencia ao atlas *Der Neuester Entdeckungen in Africa*, publicado em Gota pelo seu sábio amigo Petermann, e que este lhe enviara. Este atlas devia servir para a viagem inteira do doutor, porque continua o itinerário de Burton e Speke aos Grandes Lagos. O Sudão, segundo o Dr. Barth; o Baixo Senegal, segundo as viagens de Guilherme Lejean, e o delta do Níger, pelo Dr. Baikie (VERNE, 2003, p. 75).

Os personagens de Verne constroem máquinas e instrumentos que ajudam no desenvolvimento de seus estudos e aventuras, Dr. Fergunsson constrói um Balão de gás para sua empreitada, onde “em primeiro lugar, para não dar grandes dimensões ao aeróstato, resolveu enche-lo de hidrogênio, que é catorze vezes e meia mais leve que o ar. A produção deste gás é fácil e é o que tem dado melhores resultados nas experiências aerostáticas” (VERNE, 2003, p. 40).

Assim como Humboldt, que faz uso, por exemplo, de barômetros diversos para coletas de seus dados:

[...] barômetros de construção muito diversa, em horas diferentes, com ventos que sopravam em sentido diverso, na vertente de um vulcão onde o calor está repartido com desigualdade, num lugar finalmente onde o decrescimento da temperatura

atmosférica se afasta muito do que supõem as nossas fórmulas barométricas reconhecer-se-á que apresentam concordância completamente satisfatória (HUMBOLDT, 1965, p. 190)

Como já destacado, Humboldt é considerado um dos primeiros naturalistas a conceber a natureza como uma rede, um todo composto por inúmeras conexões. Ao se debruçar em suas análises artístico/científicas, promoveu um "tratamento muitíssimo imagético dedicado à linguagem", propondo assim "uma nova dimensão interpretativa dos fenômenos naturais" (RICOTA, 2003, p. 20). Este tratamento também pode ser encontrado em Verne no trecho da obra "Miguel Strogoff", que conta as aventuras de Miguel Strogoff que percorreu 5500 Km do Império Russo através de obstáculos naturais quase intransponíveis entre os exércitos de traidores do Czar no intuito de entregar ao Grão-Duque, na cidade de Irkutsk, na Sibéria, uma mensagem secreta do soberano:

Às oito horas da noite, como o aspecto do céu deixava pressentir, escuridão profunda envolveu toda a região. A lua nova não aparecia no horizonte. Do meio do rio, as margens eram invisíveis. As falésias confundiam-se a uma pequena altura com as nuvens pesadas que mal se deslocavam. A intervalos, vinha de leste alguma brisa que parecia expirar sobre o estreito vale de Angara (VERNE, 1977, p. 173).

Verne evidencia também essa linguagem ao falar da paixão de seus personagens no viajar em busca do desconhecido, como exemplo destacamos que 'Dr. Fergunsson', de 'Cinco Semanas em um Balão', "se julgava atraído pelas viagens, como uma locomotiva que não se dirige, antes é dirigida pela via" (VERNE, 2003, p. 10).

Este tratamento que Verne dá à linguagem o aproxima da linguagem usada por Humboldt, principalmente se considerarmos que essa linguagem artística se organiza "sob o olhar do indivíduo em viagem", ou seja, envolve imaginação, intuição, metáforas e contemplação das paisagens, tanto em uma visão de particularidades como de totalidade, inclusive em um jogo de escalas de relações, como podemos verificar no fragmento abaixo, de "Quadros da Natureza", no qual o viajante parte das florestas tropicais rumo às estepes secas:

Junto das altas montanhas de granito, que desafiaram a erupção das águas, ao formar-se, na mocidade da Terra, o mar das Antilhas, começa uma vasta planície que se estende até se perder de vista. Se, depois de atravessar os vales de Caracas e o lago Tacarigua, semeado de numerosas ilhas, e no qual se reflectem os plátanos que lhe assombream as margens, se passar pelos prados onde brilha a verdura clara e suave das canas de açúcar de Taiti, ou se deixar para trás a sombra densa dos bosquezinhos de cacau, a vista dilata-se e descansa para o sul sobre estepes as quais parecem ir-se levantando gradualmente e desvanecer-se no horizonte. Arrebatado, de súbito, a todas as riquezas da vida orgânica, o viajante fica surpreendido ao penetrar nesses espaços sem árvores, que mostrar apenas indícios de vegetação (HUMBOLDT, 1965, p. 05)

Estes elementos, principalmente no que se refere às metáforas, podem ser identificados em diversas obras de Verne, como por exemplo neste trecho de “A Jangada”:

[...] como os mil tentáculos de um gigantesco polvo, duzentos afluentes, vindos do Norte e do Sul, sustentados também por outros afluentes de segunda ordem, em número ilimitado, e ao pé dos quais os rios grandes da Europa não são mais do que simples regatos! (VERNE, 1966, p.37).

Em “Os filhos do Capitão Grant” (1867), são apresentadas as sensações dos viajantes na transição entre as paisagens, da mesma forma como Humboldt apontara na transição entre os domínios úmidos florestados e secos desérticos citados anteriormente. Esta obra coloca o escocês Lord Edward Glenarvan e os filhos do capitão Henry Grant na busca pelo capitão, sendo ambos conduzidos nesse processo a diversos lugares do mundo. Novamente, destacamos o movimento como ponto em comum entre Humboldt e Verne, o observador que sente a natureza e descreve suas impressões:

Nestas planícies, perfeitamente horizontais, a viagem prosseguia fácil e rapidamente. Na conformação da campina não se dava alteração alguma; nem uma pedra, nem um calhau se encontrava numa área de cem milhas. Jamais se vira semelhante monotonia, ou que por tanto tempo se prolongasse. Não se avistava um efeito, um acidente inesperado da paisagem! Era preciso ser um Paganel, um desses sábios entusiastas, que veem onde não há que ver, para poder tomar interesse nas particularidades da jornada. A que propósito? Nem ele o saberia dizer! Uma moita, o muito, um raminho de erva às vezes, bastavam para lhe excitar (VERNE, 2013, p. 112).

Assim como Humboldt, Verne se esforça em apresentar a natureza como um grande organismo, com seus elementos se relacionando, evidenciando o papel da intuição e da imaginação no entendimento da natureza a partir da paisagem, como apresentado neste trecho de “Cinco Semanas em um Balão”:

Uma corrente mais forte levou o balão para sudoeste. Que magnífico espetáculo se desenrolava aos olhos dos viajantes! A ilha de Zanzibar via-se toda: era como uma nódoa escura no mar; parecia um vasto planisfério. Os campos assemelhavam-se a amostras de cores. Os bosques e as florestas pareciam ramos de arbustos. Os habitantes da ilha eram como insetos (VERNE, 2003, p. 68).

Isto também ocorre em “Dois Anos de Férias” (1888) onde Verne destaca as particularidades da natureza e suas conexões, que por sua vez, dão forma a paisagem entendida enquanto totalidade observada:

[...] quer essa terra fosse insular ou continental, era evidente que ela não pertencia à zona dos trópicos. Isso se via por sua vegetação – carvalhos, faias, bétulas, amieiros, pinheiros e abetos de toda de toda sorte, várias mirtáceas ou saxifragas, que não são as árvores ou os arbustos típicos nas regiões centrais do Pacífico. Parecia mesmo que o território devia estar um pouco mais alto em latitude que a Nova Zelândia (VERNE, 2017, p. 52).

As paisagens geográficas de Humboldt e de Verne trazem uma complexidade que envolve vários fatores, revelando no momento observação uma dinamicidade da natureza que ao mesmo tempo em que encanta desperta a curiosidade de exploradores e viajantes das mais diversas origens e inclinações profissionais.

Por fim, reforçamos novamente que Verne demonstrava uma grande admiração pelo trabalho realizado por Humboldt acerca do entendimento da natureza, como destacado no trecho de “Os Filhos do Capitão Grant” (1876):

"Você finalmente vê, então", disse John Mangles.
"Sim, sim, distintamente", respondeu Paganêl, acrescentando em um tom desdenhoso, "é isso que eles chamam de Pico de Tenerife!"
"Esse é o pico."
"Não parece ser muito alto."
"São 11.000 pés, acima do nível do mar."
"Não é igual ao Mont Blanc."
"Provavelmente, mas quando você subir, provavelmente vai perceber que é alto o suficiente."
"Oh, suba! suba, meu querido capitão! Como isso poderia ser bom depois de Humboldt e Bonpland? Aquele Humboldt era um grande gênio. Ele subiu esta montanha, e deu uma descrição dela que não deixava nada escapar, ele reconheceu nela as cinco zonas, o vinho, o louro, o abeto, a família alpina e, finalmente, a zona árida. Ele colocou o pé no cume e descobriu que não havia espaço suficiente para se sentar. Do alto da montanha ele tinha um horizonte tão grande quanto um quarto da Espanha. Depois, ele visitou o vulcão até o seu íntimo, e no momento em que sua cratera foi extinta, ele desceu para o fundo dela. O que devo fazer lá depois de um homem tão grande, eu pergunto a você?"
"Realmente", respondeu John Mangles, "não há nem um vislumbre para manter" (VERNE, 1876. p. 61 - tradução nossa).

Compreendemos que a paisagem de Verne em muito se aproxima da paisagem de Humboldt justamente pela sua capacidade de associar de forma profunda e imersiva à dimensão científica e a forma subjetiva presente em cada sujeito observador, o espanto e a admiração derivados da observação das paisagens, do pertencimento do sujeito em relação a esta e da possibilidade de seu entendimento a partir da instrumentalização.

5 Considerações Finais

A análise da obra de Verne nesta pesquisa buscou proporcionar uma aproximação entre a literatura e a geografia a partir do envolvimento da ficção com os elementos que fazem parte do próprio desenvolvimento epistemológico da geografia. Neste sentido, partindo do exercício da hermenêutica buscou-se compreender como Verne escreveu sua vasta obra, e como o mesmo abordava a geografia nestas obras, ou seja, buscou-se compreender quem foi Julio Verne e o que a geografia era para ele.

Desta forma, consideramos que Verne absorveu da geografia de Humboldt a possibilidade da valorização de um lado estético da natureza, um lado poético, que permitiu através da intuição, do deslumbre, da criatividade imaginativa, da visão de totalidade e de conexão entre as particularidades, uma leitura de natureza mais orgânica da qual o homem faz parte não apenas como dominador.

Assim entendemos que o conteúdo geográfico da obra de Júlio Verne pode inclusive transcender sua época, proporcionando reflexões geográficas a partir de um entendimento de natureza que está além de uma leitura puramente técnica preconizada pela relação de causa-efeito linear mecânica, exaustivamente usada pela Geografia Física atual. Os escritos de Verne, neste sentido, podem inclusive estabelecer pontes entre o lúdico e o ensino de diversos conceitos da Geografia.

Por fim, compreendemos através deste exercício hermenêutico que a Geografia possui uma amplitude epistemológica que deve ser constantemente analisada, até mesmo para que possamos entender onde queremos chegar enquanto geógrafos, pois a mesma está longe de ser encerrada pela técnica. A Geografia antes de tudo é concebida por pessoas que observam o mundo, cada qual com suas particularidades de observação e que a partir disso refletem sobre suas formas e relações.

Agradecimentos

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo financiamento da pesquisa de mestrado que originou o presente artigo.

Referências

- ANDERY, M. A., et al. **Para aprender a ciência**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988. 446p.
- BERDOULAY, V. *A Escola Francesa de Geografia: Uma Abordagem Contextual*, 1º ed. Perspectiva, 2017
- BRITO, T. Humboldt entre a filosofia da natureza e a ciência moderna. **Sociedade e Natureza**, v. 27 n. 2, 2015.
- CAPRA, F. **O ponto de mutação**. São Paulo: Edgard Blücher, 1982. 447p.
- CARVALHO, M. B. **O que é Natureza?** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

- CAVALCANTI, A. P. B.; VIADANA A. G. Fundamentos históricos da geografia: contribuições do pensamento filosófico na Grécia antiga. In: GODOY P. R. T. (org.) **História do Pensamento Geográfico e Epistemologia em Geografia**. Editora UNESP. 2010.
- CLAVAL, P. A Geografia Francesa. **Espaço Aberto**, PPGG - UFRJ, V. 4, N.1, p. 7-22, 2014
- CLAVAL, P. **A História da geografia**. Edições 70, Lisboa Portugal. 2006.
- DUPUY, L. **Jules Verne**. La géographie et l'imaginaire, 2013, La Clef d'Argent, coll. KhThOn, n°3, 145 pages.
- FERREIRA, A. D., O movimento do intelecto em direção a Deus. **Revista Crítica Histórica**, Ano IV, n° 7, 2013
- FREITAS, I. A. FERNANDES, R. A Geografia na Obra de Júlio Verne: difusão, tradição e modernidade. **Para Onde!?**, Vol. 6, n° 2, p. 89 -95, jul./dez. 2012
- GADAMER, H. G. **O problema da consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getú. 1998
- HUMBOLDT, A. V. **Cosmos**: Ensayo de una descripción física del mundo. Tomos I y II. Madrid (1851 – 1852). Córdoba, 2005.
- HUMBOLDT, A. V. **Quadros da Natureza**, W. M. Jackson Inc. 1965.
- KESSELRING, T. O conceito de natureza na história do pensamento ocidental. **Episteme**, Porto Alegre, n° 11, 2000.
- MORAES, A. C. R. **Geografia**: pequena história crítica. Annablume: 2003.
- MOREIRA, R. **O Que é Geografia**. 1ª edição eBook. Coleção primeiros passos. Editora Brasiliense. 2017.
- RICOTTA L. **Natureza, Ciência e Estética em Alexander von Humboldt**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.
- ROSA, C. A. P. **História da ciência**: da antiguidade ao renascimento científico 2. ed. Brasília FUNAG, 2012.
- SHIMIDT, L. K., **Hermenêutica**. Editora vozes Ltda. 2012.
- SPRINGER, K. S. Considerações acerca da geografia de Alexander von Humboldt: teoria, filosofia e concepção de natureza. **RAÍZES**, Curitiba, n. 18, p. 7-22, 2009.
- SPRINGER, K. S.; VITTE, A. C. Romantismo e Geografia: possibilidade de releitura da modernidade e da questão ambiental em um mundo de constante mutação. Montevideu: **Anais de 12º Encuentro de Geógrafos de América Latina**, 2009.
- VERNE, J. **A Jangada**. Editora Matos Peixoto S. A. 1966.
- VERNE, J. **Cinco semanas em Balão**. RBA Coleccionables. Barcelona. 2003
- VERNE, J. **Die Kinder des Kapitän Grant**. Wien-Pest-Leipzig: Hartleben, 1876.
- VERNE, J. **Dois Anos de Férias**, Via Leitura 2017.
- VERNE, J. **Miguel Strogoff**. Hemus editora limitada, 1977.
- VERNE, J. **Os Filhos do Capitão Grant**. Centaur Editions, 2013.
- VICENTE, L. E., PEREZ FILHO, A. Abordagem Sistêmica e Geografia. **Geografia**, Rio Claro v. 28, n. 3, set./dez. 2003.

VITTE, A. C. A Terceira Crítica Kantiana e sua Influência no Moderno Conceito de Geografia Física. **GEOUSP** - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 19, pp. 33 - 52, 2006.

VITTE, A. C.; SILVEIRA, R. W. Kant, Goethe e Alexander Humboldt: Estética e Paisagem na Gênese da Geografia Física Moderna. **ACTA Geografia**, Boa Vista, Vol. 4, nº 08, p. 07 – 14, 2010.

VITTE, A. C.; SPRINGER K. S. A Geografia, a natureza e o impasse da modernidade: o romantismo e as possibilidades interpretativas da questão ambiental. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, Sobral - CE, v.12, n. 1, p. 9-24, 2010.

WRIGHT, J. K., Terrae Incognitae: O Lugar da Imaginação na Geografia. **Geograficidade**, v.4, n.2, Inverno 2014.